



III SEMINÁRIO NACIONAL SOBRE URBANIZAÇÃO DE FAVELAS - URBFAVELAS  
Salvador - BA - Brasil

---

FÁBRICA TOSTER: UM ESTUDO DE CASO SOBRE O PROCESSO PARTICIPATIVO NA  
RESIGNIFICAÇÃO DE VAZIOS CONSTRUÍDOS

**Shanti Nitya Marengo** (Universidade Federal do Recôncavo da Bah) - smarengo@gmail.com  
*Geógrafo, professor-pesquisador da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia*

**Nicholas Beloso** - nicholasbeloso@gmail.com  
*Arquiteto*



## **FÁBRICA TOSTER: UM ESTUDO DE CASO SOBRE O PROCESSO PARTICIPATIVO NA RESIGNIFICAÇÃO DE VAZIOSCONSTRUÍDOS**

**RESUMO:** Este artigo se propõe a refletir sobre o desenvolvimento participativo de um projeto visando o reuso de um vazio construído (FERNANDES, 2014), a fábrica desativada Toster localizada no bairro do Lobato, Salvador-BA. A fábrica permaneceu desativada até 2006, quando foi ocupada pelo Movimento Sem Teto da Bahia (MSTB), quando cerca de 100 famílias imprimiram um novo uso ao edifício antes abandonado. Muitos processos imprimiram dinâmicas naquele espaço e é nesse contexto que a pesquisa Vazios Construídos se aproximou da ocupação com o intuito de construir coletivamente um projeto para o espaço. Para reconhecer e trabalhar com as necessidades dos moradores foram realizadas, ao longo de aproximadamente um ano, diversas oficinas que propunham atividades e metodologias comprometidas sempre por um diálogo horizontal. Assim, tornou-se possível levantar as expectativas de uso do edifício e reconhecer as relações de pertencimento existentes entre os moradores e o espaço-objeto. Entendendo a participação como um instrumento fundamental para construir soluções e alternativas para os espaços (BORDENAVE, 1994) um projeto arquitetônico para a fábrica vem sendo elaborado com intervenção ativa dos moradores, fomentando-os a participarem da transformação do lugar onde moram e reforçando o enraizamento e permanência no espaço em questão.

**Palavras-chave:** Vazio Construído. Participação Popular. Reuso

ST – 1: Projeto, Processo, Superação de Limitações



## 1 INTRODUÇÃO

Localizada no bairro do Lobato<sup>1</sup>, no subúrbio ferroviário de Salvador, a fábrica Toster está inserida na poligonal de estudo da pesquisa Reciclagem de Vazios Construídos<sup>2</sup> em áreas urbanas centrais: uma tecnologia social aplicada ao caso de Salvador. A pesquisa propõe uma reflexão sobre os vazios construídos (OLIVEIRA; FERNANDES, 2016), áreas urbanas centrais destituídas de suas funções originais e que passaram por processos de esvaziamento, com vistas a propor – juntamente com a participação das populações diretamente interessadas – o reuso das mesmas para o interesse social. A poligonal da pesquisa abrange a costa litorânea desde o Solar do Unhão até a Fábrica São Brás.

Figura 1: localização da poligonal de estudo e da fábrica Toster

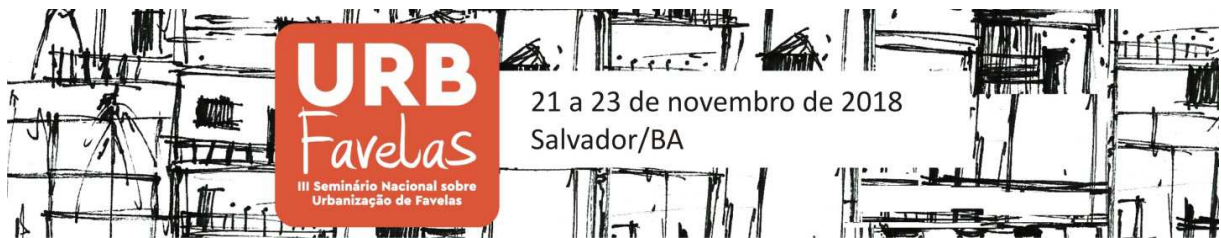


Fonte: Acervo da Pesquisa

Ao longo de aproximadamente 12 km de extensão e compreendendo cerca 16 bairros, são diversas as áreas da poligonal que tiveram suas funções alteradas e entraram em processo de decadência e esvaziamento: desde antigas centralidades comerciais até conjuntos arquitetônicos seculares, passando por centralidades industriais esvaziadas. Durante a década de 70, com a inauguração do polo industrial de Camaçari e a expansão da cidade em direção

<sup>1</sup>O Lobato, bairro do Subúrbio ferroviário, “possui uma população de 24.691 habitantes, o que corresponde a 1,01% da população de Salvador, concentra 0,94% dos domicílios da cidade, estando 25,23% dos chefes de família situados na faixa de renda mensal de 1 a 2 salários mínimos. No que se refere à escolaridade, constata-se que 35,44% dos chefes de família têm de 4 a 7 anos de estudo” (SANTOS *et al.*, 2010, p. 369).

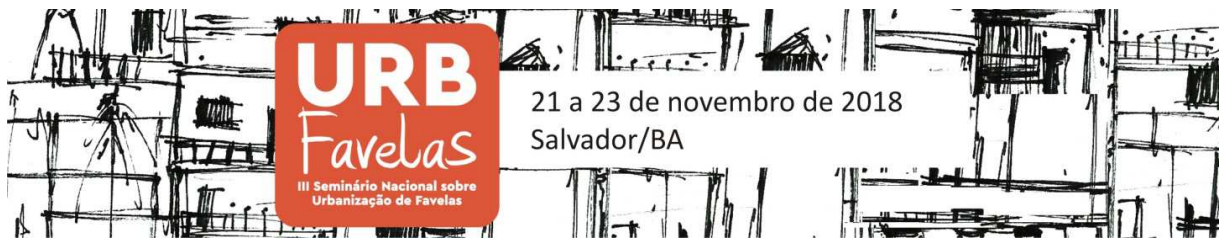
<sup>2</sup> Desenvolvido no âmbito do grupo de pesquisa Lugar Comum PPGAU FAUFBA, com apoio do programa PVE CiênciasSemFronteiras Capes



ao vetor norte, a região compreendida pela poligonal entrou em declínio econômico e a maior parte das indústrias localizada naquele espaço fechou as portas e/ou se deslocou para a nova centralidade industrial metropolitana. Ao mesmo tempo, houve um influxo populacional na região de uma população migrante vinda do interior da Bahia com vistas a aproveitar as oportunidades advindas do surgimento da centralidade industrial referida. A Fábrica Toster surgiu no descenso da centralidade industrial intraurbana. Era uma de quatro fábricas do grupo Toster. Sendo que a mesma somente fechou as portas na década de 1990 – quando a decadência da centralidade industrial em questão já estava consolidada – imergindo no mundo da necessidade da população pobre estabelecida no Subúrbio Ferroviário. Assim, o prédio vazio da fábrica falida foi apropriado por essa necessidade, urgente, pois ligada a reprodução social, e biológica, dessa população. As máquinas de tecelagem que tinham sido deixadas para trás por seus proprietários foram sequestradas e vendidas aos ferros-velhos, tão característicos da região, assim como os vergalhões dos pilares que sustentam a construção. O que reproduzia o capital no circuito superior da economia (Santos, 2008) é capturado pelo circuito inferior e passa a reproduzir a existência imediata de uma população carente.

Enfim, no ano de 2006 a fábrica e o terreno são ocupados por pouco mais de 100 famílias associadas ao Movimento Sem Teto de Salvador (MSTS). Um desdobramento do surgimento, em 2003, do movimento sem teto em Salvador, resultante de uma conjuntura de crise com altas taxas de desemprego surgida da aplicação de medidas neoliberais impostas pelo capital internacional a partir da década de 1990 (CLOUX, 20--).

A fábrica abandonada pelo capital industrial, desprovida de qualquer valor de troca, torna-se útil ao movimento sem teto, que lhe atribui a função de moradia e, portanto, valor de uso. Improvisadamente e, dessa forma, precariamente, a ocupação tornou-se um espaço insurgente (HOLSTON, 1996) e uma heterotopia (FOUCAULT, 2001). O papel da fábrica enquanto espaço insurgente é óbvio e se desvela no seu caráter de ocupação, instrumento de pressão política que serve para explicitar – na radicalidade da demanda que questiona a propriedade privada – a necessidade de habitação de uma população posta a margem por um processo de produção desigual do espaço. O Estado pressionado por essa radicalidade, vê-se forçado – para proteger a propriedade privada – a oferecer outras formas, legais, de atender a demanda



habitacional urgente das populações ocupantes. A ocupação tem uma força instituinte (CHAUI, 1982) na medida que questiona o instituído e o papel das instituições.

Exporemos o caráter heterotópico – em parte já posto no parágrafo acima – da ocupação, ao longo do texto, visto que ele se revela em diversos momentos, inclusive na sua interação com o projeto de pesquisa.

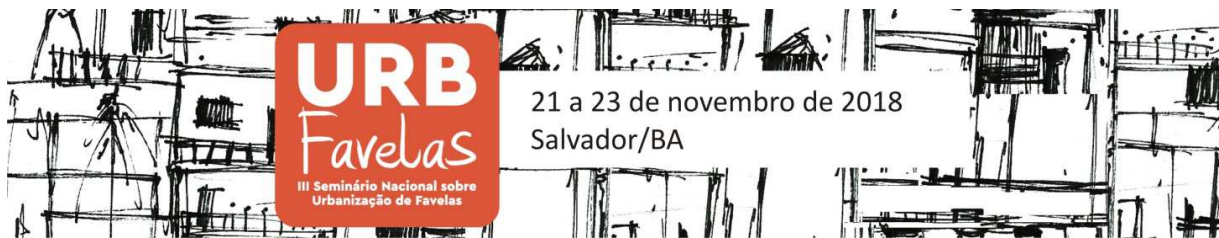
## **2. A ESCOLHA DA FÁBRICA E DAS METODOLOGIAS:**

Precisávamos de uma ilustração que nos oportunizasse pensar como realizaríamos o reuso de um vazio construído para que o mesmo desempenhasse uma função social. A fábrica desativada se mostrou, nesse sentido, uma escolha adequada por diversos motivos. A princípio, ela continha um caráter heterotópico. Afinal o espaço que precisávamos para ilustrar o tipo de reuso que desejávamos propor através da pesquisa deveria ser um espaço de crise, um espaço além e aquém do espaço normatizado, que pusesse a mostra as contradições da cidade produzida pelo capital em uma formação socioeconômica de um país subdesenvolvido. Esse espaço, portanto, tomou forma na fábrica desativada que fora abandonada por uma atividade econômica ligada ao capital produtivo e que, por isso, foi ocupada por um movimento social ligado à reivindicação por moradia. É desse modo que entendemos a fábrica Toster como um espaço de crise.

Outros motivos para a escolha da fábrica desativada como ilustração se deram por razões de ordens distintas, entres elas:

- A tipologia industrial com grandes vãos, poucas divisórias e estrutura em concreto armado possibilitando mais flexibilidade para o projeto arquitetônico desenvolvido junto à comunidade.
- Fazer frente a propostas ligadas ao capital imobiliário, através de uma contribuição – o projeto arquitetônico – para consolidar uma população de considerável vulnerabilidade social.

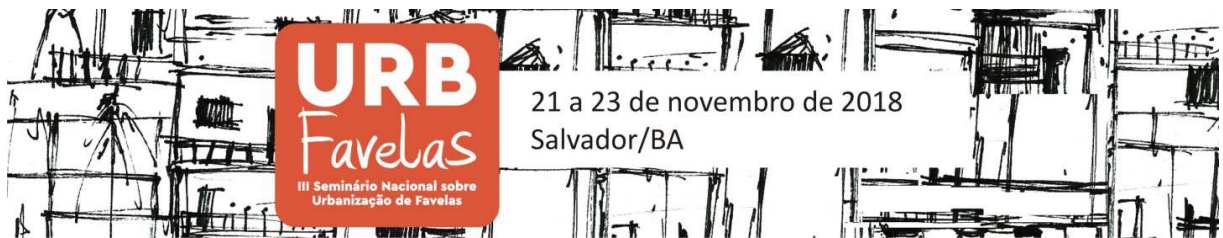
Começar a trabalhar com a Toster foi também pensar como faríamos isso, visto que trabalhar com ideia da possível refuncionalização da fábrica para uma função social era pensar isso com seus moradores. E neste ponto, trabalhamos com uma das características da ocupação



que a tornavam uma heterotopia. A Toster era ocupada por uma população marginal, do ponto de vista do consumo da cidade. Queremos dizer que os moradores da Toster, em um contexto hegemônico do que se considera legal, não tinham direito a cidade ou o tinham parcialmente. Na ocupação se localizavam os indivíduos “cujo comportamentos desviavam em relação à média ou à norma exigida” (FOUCAULT, 2001, p. 416). Ora esse comportamento, relacionado à posição da ocupação, gerava trajetórias, estéticas e formas de apropriação outras, nem sempre previsíveis, geralmente improvisadas que desejávamos explicitar projetualmente com vistas a atender e legitimar suas demandas. Desejávamos construir um projeto que dialogasse com as necessidades e desejos deles e, dessa forma, fosse incorporado pela cotidianidade (LEFEBVRE, 2001) do lugar. Para tanto pensamos e aplicamos metodologias com vistas a cumprir dois objetivos, sempre com a participação dos moradores: um, delinear um diagnóstico sobre a relação dos moradores com o seu espaço vivido e, portanto, notar o grau de pertencimento contido nessa relação; mais dois, observar as demandas dos sujeitos envolvidos (moradores e do MSTB) quanto aos equipamentos que o prédio da Toster poderia comportar.

A construção do projeto, via essas metodologias participativas, mostrou-se, também, um campo político, no qual o MSTB e o conjunto de moradores apresentariam demandas algumas vezes díspares e divergentes. Aliás, o próprio conjunto de moradores não conseguiria construir uma pauta de demandas que fosse concordante plenamente, imobilizando, conseqüentemente, a construção do projeto em alguns momentos.

Os membros do projeto, conscientes dessa dinâmica, elegeram atividades que possibilitassem todos os grupos envolvidos explicitarem suas expectativas. Procuramos nos comunicar horizontalmente com os sujeitos envolvidos promovendo ações imbuídas pela razão comunicativa, compreensiva, capazes de serem incorporadas na cotidianidade dos moradores. Um objetivo necessário se quiséssemos construir um projeto que, uma vez realizado, fosse passível de ser apropriado pelos moradores e, de certa forma, pelo MSTB. Enfim, usando uma classificação descrita por Bordenave (1985), eram dois planos de participação, relacionados, que deveríamos tratar: no primeiro plano tratávamos da participação de um grupo primário – o conjunto dos moradores, famílias e vizinhos – que viviam no entorno da Toster, e constituíam a ocupação; no segundo plano tratávamos de um grupo terciário, o Movimento



Sem Teto da Bahia, um movimento de classe que atendia um território amplo, o estado da Bahia. Foi com essas reflexões no horizonte que estabelecemos contato com o grupo de moradores através dos coordenadores do Movimento Sem Teto da Bahia, visto que a fábrica desativada estava sendo ocupada por indivíduos e famílias associadas a esse movimento social.

Observamos que na época desse primeiro contato a ocupação não estava mais concentrada no interior do edifício, como uma vez já esteve (em 2006), mas no seu imediato entorno. Ao mesmo tempo, as casas presentes no referido espaço não eram mais somente de tapume de madeira e lona. Muitas já apresentavam alvenaria parcialmente na sua estrutura, e algumas eram completamente construídas de alvenaria. Sendo assim o interior da fábrica estava parcialmente vazio, ou seja, a fábrica Toster não era um vazio construído, mas um espaço, parcialmente vazio, apresentando de 5 a 6 famílias morando no seu interior, com o conhecimento do MSTB, que fez questão de frisar o caráter temporário e emergencial dessas moradias. Caráter temporário que se estendia, como conteúdo, a todas as outras moradias ainda que em menor grau. Através das entrevistas e conversas informais parte dos moradores – e o próprio movimento social – explicitaram insegurança quanto a permanência deles naquele espaço apesar da ocupação existir a mais de dez anos. A permanência da ocupação não os impedia de observarem seu caráter instável e ambíguo. Afinal a maior parte das famílias que estiveram presentes na ocupação original já não se encontravam mais no espaço. Alguns se tornaram moradores do programa Minha Casa Minha Vida, outros foram transferidos de ocupação etc. Não existiam certezas. Ainda existem moradores, por exemplo, que esperam serem chamados pelo programa Minha Casa Minha Vida, ou que já foram chamados, mas preferiram continuar a morar na ocupação visto que reconheceram na opção do programa governamental uma opção ainda mais precária do que aquela na qual se encontravam. Em suma, a paisagem da Toster (fábrica e terreno entorno) denunciava, de diversas formas, seu caráter ambíguo, provisório e improvisado.

De qualquer modo, o espaço da Toster não era um espaço completamente alienado dos moradores do terreno no entorno, uma edificação sem qualquer uso, forma-ruína presente e passiva no cotidiano dos referidos indivíduos. Seus filhos brincavam nos espaços amplos da fábrica. Um ou outro evento mais coletivo era realizado no seu interior. Ainda assim era/é um



espaço subutilizado. O MSTB quando fala aos moradores da ocupação sobre a nossa (grupo de pesquisa de uma universidade pública) vontade de pensar um reuso – com a participação direta dos moradores – aponta, entre outras coisas, a possibilidade do referido vazio ser ocupado por grupos de delinquentes da região caso ela não seja apropriada pela população de moradores do entorno.

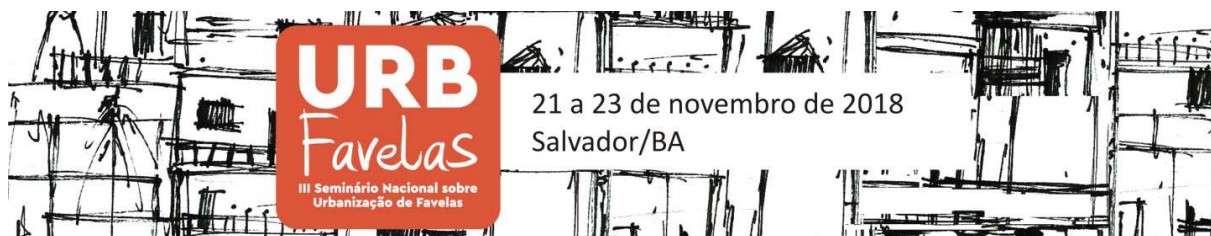
Parte significativa da população moradora do terreno da Toster não deseja ser deslocada para outro espaço. Eles já estão territorializados naqueles espaços. Já constituíram espaços improvisados de lazer, teceram redes sociais que possibilitam ajuda mútua e, portanto, um grau considerável de capital social (PORTES, 2000).

A metodologia para o desenvolvimento de um projeto participativo junto aos moradores da Toster foi pensada a partir de oficinas temáticas. Ao longo de quase um ano de trabalho foram realizadas 10 oficinas (até a data de 11/07/2017), onde foram discutidos desde as possibilidades de novos usos para a fábrica até a construção de um programa arquitetônico que respondesse as demandas dos moradores. Neste artigo iremos pontuar dois momentos do nosso contato com os sujeitos sociais envolvidos: diagnóstico da situação e construção do projeto. Para tanto discutiremos algumas oficinas específicas, sendo que todas elas foram pensadas para estimular a mobilização dos sujeitos assim como sua consequente participação.

### **3 METODOLOGIAS PARA O DIAGNÓSTICO:**

Chamamos de diagnóstico o momento no qual procuramos desenvolver uma aproximação em relação a população moradora. Observamos como o conjunto de moradores da Toster se territorializa e se relaciona com o seu entorno e com o prédio da fábrica, mais as demandas que esses moradores apresentam. Com esse intuito aplicamos duas oficinas, um questionário quantitativo e dez entrevistas filmadas, realizadas isoladamente com cada entrevistado, que derivaram em cinco encontros: quatro encontros para a realização e conclusão das oficinas e um quinto encontro no qual apresentamos um vídeo com os próprios moradores. As metodologias utilizadas foram pensadas a partir do “Manual de metodologias participativas para o desenvolvimento comunitário” elaborado pela Universidade de São Paulo (USP) em parceria com a universidade de York, no Canadá. Observamos que não aplicamos literalmente – tal e qual estão descritas no manual – as metodologias que utilizamos. Tivemos que fazer





adequações das referidas metodologias para realizá-las junto à população de moradores da Toster.

Nesta fase, de diagnóstico, aplicamos inicialmente a metodologia da *Árvore dos Sonhos*, onde os sujeitos envolvidos foram convidados a “sonhar com um espaço melhor para viver” (BRASIL, 20--, p. 70) ou, no caso desse projeto em específico, a explicitarem suas expectativas quanto aos possíveis usos que poderiam se realizar no edifício da fábrica. A oficina foi construída a partir de um desenho feito na própria parede da fábrica que representava uma árvore e seus galhos, onde os moradores colariam folhas de papel escritas com as demandas/possibilidades para a fábrica do Toster, construindo, assim, um quadro resumo de seus sonhos/pensamentos/necessidades. A atividade abrangeu diversos perfis de moradores, incluindo crianças, adultos e terceira idade, homens e mulheres. Dessa forma, a árvore respondeu a um público diverso, construindo um panorama geral de quais eram as principais necessidades da comunidade. Embora a oficina da *Árvore dos Sonhos* tenha tido uma participação considerável, participaram apenas 51 de uma comunidade com pouco mais de 100 pessoas. Dessa forma, foi necessário promover outro veículo para os moradores que não estavam presentes ou que, ainda presentes, não se sentiam confortáveis para compartilhar seus anseios pudessem fazê-lo. Complementar à *Árvore dos sonhos*, então, foi feita uma urna onde os moradores depositaram suas perspectivas sobre o que poderia ser feito na fábrica. A caixa foi produzida pelos próprios moradores que ficaram responsáveis por divulgar e estimular a participação de vizinhos. A partir da *Árvore dos Sonhos* e da *Caixa dos Desejos* tivemos um primeiro entendimento sobre o que era pensado para esse espaço.

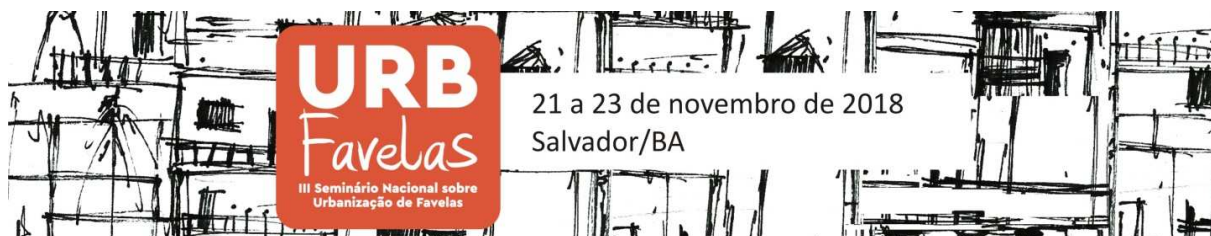


Figura 2: Construção coletiva da árvore dos sonhos



Fonte: Acervo da Pesquisa

Curiosamente a habitação não aparece como uma possibilidade na Árvore dos Sonhos, nem na Caixa dos Desejos. Embora não tenha feito parte do programa solicitado, a função de habitação foi o primeiro papel atribuído à Toster no momento da ocupação quando as casas de alvenaria ainda não tinham sido construídas no terreno da fábrica. Ainda hoje (seis) famílias ocupam parcialmente alguns cômodos da fábrica por não terem outra opção que não essa. Nesse sentido é importante sinalizar que, ao longo da construção do processo participativo, foi necessário equalizar o programa de áreas coletivas com os espaços privados da habitação. Nas oficinas de projeto, os moradores que tem suas casas fora do edifício da fábrica, optaram por manter os espaços ocupados internamente como áreas de habitação, pois entenderam que se há moradores ocupando esses espaços é por falta de recursos ou possibilidade de moradia melhor. As maiores demandas estavam relacionadas à infraestrutura do entorno da fábrica, onde estão localizadas a maior parte das casas consolidadas. Pavimentação da rua que dá acesso às habitações, sistema de esgotamento sanitário, iluminação pública e espaços de lazer externos foram demandas corriqueiras ao longo do processo. Contudo, inicialmente, o projeto previsto, para ser desenvolvido em parceria com a comunidade, estava pensado para o espaço interno da fábrica por limitações de tempo e pelo tamanho da equipe envolvido no trabalho. Porém, ao decorrer do processo, percebemos que as questões voltadas a infraestrutura do



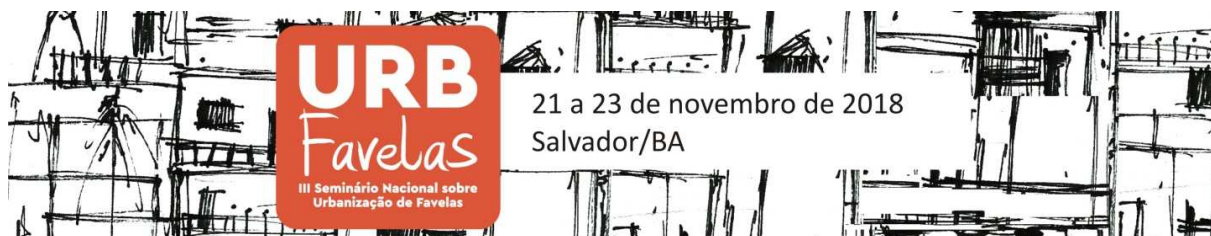
entorno imediato eram fundamentais e complementares ao projeto da fábrica. Dessa forma, incluímos ao projeto arquitetônico o projeto paisagístico para o entorno referido.

Além de participativo, o processo também deveria ser formador. Pensar possibilidades que incluíssem a população no processo de criação do projeto também significa pensar ferramentas que possibilitem a participação efetiva e crítica. Frente a complexidade de um desenho técnico arquitetônico, de leitura complicada muitas vezes até para profissionais da área, desenvolvemos duas atividades que colaboraram para a apropriação do vocabulário e linguagem por membros da comunidade. A abstração do desenho arquitetônico – plantas, cortes e fachadas – foi traduzida em uma atividade em que os ambientes propostos pelos moradores eram marcados no piso da fábrica em escala 1:1. O que na planta era uma linha preta representado parede, na atividade se transformava em uma fita que, fixada em um dos pilares, se desenvolvia pela fábrica conformando os espaços de lazer e formação. Dessa forma, os próprios moradores definiam a dimensão dos espaços que seria necessária para a realização das atividades. Essa atividade possibilitou uma outra relação dos moradores com a espacialidade da fábrica, diminuindo a abstração do espaço plano (como visto em uma planta). A construção gradual de um aparato de referências e vocábulos ligados a prática da arquitetura foi se fazendo aos poucos. Grande parte dos moradores já dominavam termos técnicos ou tinham conhecimento sobre construções, uma vez que são eles os próprios responsáveis pela construção de suas casas. Quase a totalidade das 64<sup>3</sup> casas que existem no entorno da fábrica foram construídas a partir de mutirões onde a família ou amigos ajudaram. Carpinteiros, mestres de obras, pedreiros e jardineiros estão entre as atividades exercidas por alguns moradores.

Ainda no momento de diagnóstico, realizamos uma oficina que foi realizada em dois encontros (quarto e quinto encontros). Nela se procurou observar o quanto a população dos moradores da Toster estava territorializada no seu entorno, o quanto ela se sentia pertencida aquele espaço. Tuan (2013) discute o quanto o sentimento de pertencimento ao lugar depende da experiência cotidiana do indivíduo no mesmo. Assim, em um primeiro momento dessa oficina, nós – membros do projeto Vazios Construídos e moradores da Toster – caminhamos

---

<sup>3</sup>Esse número é resultado de um questionário que aplicamos (o grupo Vazios Construídos) ao conjunto dos moradores da ocupação, em 2016



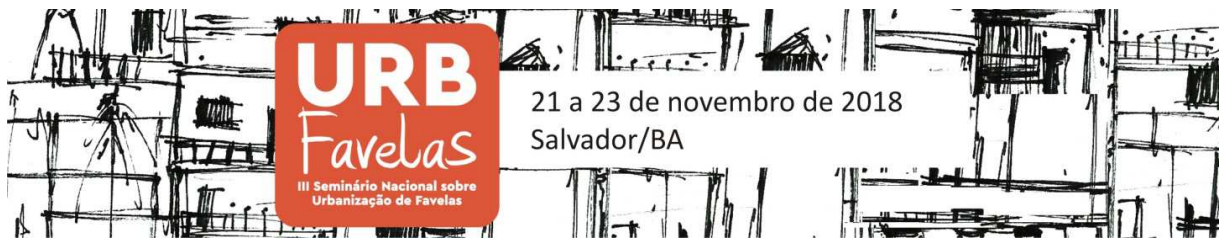
no entorno a fim de recompormos as trajetórias realizadas diariamente pelos referidos moradores. A caminhada foi importante para observarmos a paisagem que as trajetórias atravessavam e constituíam, assim como para inquirir os moradores sobre: onde eles obtinham o que precisavam, como alimentos, remédios, assistência médica etc.; onde eles desfrutavam seus momentos de lazer; onde eles realimentavam seus contatos de trabalho (geralmente informal e eventual) etc.. Enfim, o objetivo dessa oficina foi trazer – junto com as entrevistas que realizamos – mais elementos para pensarmos o grau de territorialização (HAESBAERT, 2004) dos moradores no espaço do entorno. Dessa oficina, como resultado, se construiu, entre outras coisas, um mapa no qual observou-se o quanto esses moradores precisam andar para realizar suas necessidades cotidianas. Pensando que movimento sem teto não reivindica a habitação somente, mas o direito a cidade.

Figura 3: Mapa feito a partir da atividade de caminhada



Fonte: Acervo da Pesquisa

Interessantemente e à revelia da precariedade infraestrutural que acompanha toda a paisagem observada por nós e que moldura e constitui a existência dos moradores, os mesmos dizem gostar da existência que cultivam naquele espaço. Todos os moradores entrevistados citam o quanto a rede social construída pelos mesmos no seu entorno é importante para garantirem sua reprodução social.



*“Eu não queria sair daqui da suburbana<sup>4</sup> não. Eu amo essa suburbana. Aqui é perto de tudo. Aqui tem os povo conhecido. Deixo os menino aqui, vou ali no mercado, o pessoal vem. ‘Passa o olho aí, viu, nos meu filho’” (Entrevistada I, 20/06/2017). “Sinceramente tenho medo de sair daqui para morar em outro lugar. Não conheço ninguém, não conheço o lugar. [...]. Conheço tudo aqui” (Entrevistada II, 20/06/2017). “Aqui é sossegado. Vale a pena os vizinho, a vizinhança, os morador. [...]. Aqui como eu tenho muito conhecido é mais fácil da gente arranjar trabalho pra trabalhar mesmo assim. No caso, se não tem opção de casa de família, faz reciclagem. Desde a época que vim morar aqui não tive problema nenhum. Graças a Deus” (Entrevistada III, 05/07/2017).*

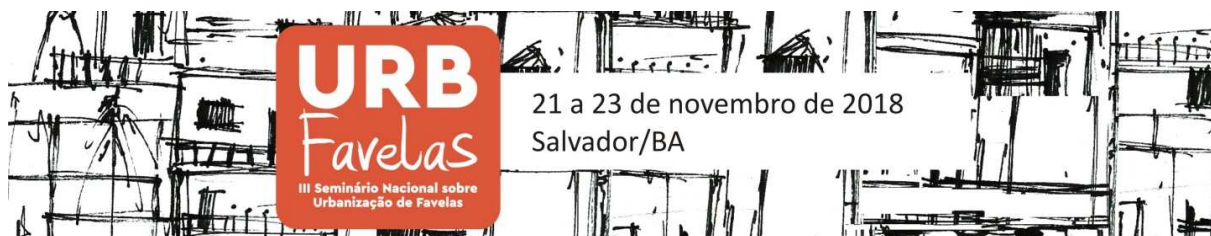
Por último, como uma atividade também relacionada a fase de diagnóstico do grau de territorialização e de pertencimento da população moradora construímos um vídeo comportando um histórico da ocupação. O vídeo em questão serviu para delinear os diversos momentos do processo de refuncionalização da edificação. Entrevistamos, para a construção do vídeo, pessoas que viram e/ou viveram a edificação enquanto fábrica, enquanto espaço abandonado e apropriado pela necessidade que a decompôs em sucatas (das máquinas e ferragens que foram vendidas) e ruínas, e, por fim, enquanto espaço transformado em ocupação por indivíduos sem moradia organizados pelo MSTB. No vídeo podemos ver os moradores em seu espaço vivido, falando de suas necessidades e anseios e relacionando-os ao morar no espaço Toster.

#### **4 A CONSTRUÇÃO DO PROJETO**

A construção de processos que incluíssem a população como responsável pela gestão e desenvolvimento do projeto foi importante para sinalizar que o projeto desenvolvido é colaborativo, baseado em divisão de responsabilidades e não uma prática paternalista onde a Universidade presta serviço à comunidade. Toda a concepção da pesquisa desenvolveu-se e desenvolve-se a partir do reconhecimento das diferenças, com as quais procuramos estabelecer diálogos horizontais, esvaziando a perspectiva da universidade como única produtora de conhecimento, um, e, dois, conversando com as diferenças.

---

<sup>4</sup>Suburbana é o nome informal que os moradores da cidade dão à avenida Afrânio Peixoto, via principal que conecta o Subúrbio Ferroviário ao Centro Antigo de Salvador, e por conseguinte, ao restante da cidade.



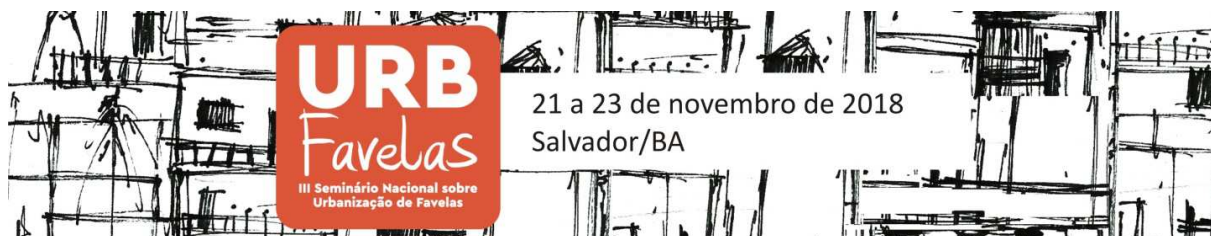
A construção do projeto em si começou a realizar-se a partir do sexto encontro até o décimo. Em todos procuramos trazer outras perspectivas do projeto em elaboração a fim de contribuir para o processo de sua apropriação pelos moradores. No sexto encontro, logo depois do encontro voltado para formação, levamos um projeto já algumas indicações das possíveis funções que os espaços poderiam desempenhar, de acordo com a Árvore dos Sonhos e a Caixa dos Desejos. No sétimo e oitavo encontros utilizamos uma maquete, onde os moradores eram convidados a intervir no espaço apontando diretamente as intervenções desejadas. No décimo encontro utilizamos plantas em 2D de cada pavimento da fábrica e uma projeção do projeto em 3D, mostrando a materialização gradual do projeto a partir da intervenção direta e próxima dos moradores. A cada encontro comportávamos algumas modificações pensadas e pedidas pelo conjunto dos moradores no ambiente das discussões. Curiosamente os moradores foram tornando o projeto cada vez mais segmentado, aumentando o número de barreiras de acesso e criando elementos de vedação que comprometeriam o conforto ambiental no âmbito da ventilação e iluminação.

Figura 4: Oficina de projeto com maquete



Fonte: Acervo da Pesquisa

Os moradores põem, na perspectiva de reuso da Toster, a possibilidade da estrutura, uma vez sendo refuncionalizada, cobrir as deficiências de um Estado ausente. É ilustrativo que uma das moradoras entrevistadas peça que retire o nome creche de um dos espaços que projetamos para acolher crianças. Segundo ela, o nome creche obrigaria que o projeto, para se realizar



enquanto materialidade, tivesse o aval do estado o qual inviabilizaria a iniciativa visto que a comunidade não conseguiria atender as exigências normativas postas pelas instituições governamentais responsáveis. A grande questão, porém, para pensar possíveis usos para a fábrica está relacionado a gestão e logística dos espaços. Pensar a construção de um espaço para crianças de zero a cinco anos suscitou uma série de discussões nas oficinas onde a gestão do espaço se mostrou mais importante do que o desenho e espacialização desse equipamento. O debate sobre gestão, promovido e instigado pelos próprios moradores, indicou a possibilidade de gestão colaborativa onde as próprias mães e conhecidas tomariam conta do espaço, administrando a cozinha, brincadeiras e cuidado das crianças a partir de uma escala de frequência e revezamentos. A gestão econômica também seria feita a partir de uma rede comunitária, onde a fábrica poderia produzir renda para sua própria manutenção. Enfim, os moradores tomavam para si a responsabilidade de articular mecanismos que viabilizassem sua reprodução. Eles, mesmo diante da perspectiva de poderem atenuar o grau de informalidade e imprevisto que caracterizavam seu espaço de moradia, continuavam a trabalhar com o possível que, por sua vez, continuava a desembocar no imprevisto e, por conseguinte, em comportamentos e estéticas desviantes e instituintes.

O MSTB também participou em momentos específicos do processo de construção do projeto. E aqui fazemos uma observação: enquanto a população de moradores trazia o projeto para mais próximo das necessidades dos indivíduos territorializados no entorno, o movimento social ampliava a capacidade de reuso da edificação para a escala do município e do estado. As lideranças observavam que existem ocupações em todo o território de Salvador, assim como em vários outros espaços urbanos dispersos pela Bahia. A Toster deveria, portanto, servir não só as demandas da população próxima, mas também as demandas do movimento social para a formação de militantes na escala estadual. Indivíduos vindos do interior poderiam participar de encontros organizados no prédio da Toster. As salas de oficina e auditório poderiam contribuir para a profissionalização dos indivíduos em diversas ocupações. O Movimento Social igualmente se preocupou, nas suas contribuições para o projeto, em sugerir novas inserções no programa de reuso da edificação com o fito de garantir sua reprodução. É sugestão do movimento, por exemplo, a inserção de uma cozinha comunitária para a produção de refeições visando os grupos relacionados ao movimento, mas também a



aqueles que pudessem comprá-las. Assim sendo o reuso da edificação implicaria em sua conexão com as necessidades da população do entorno, na escala do espaço vivido, mas também se conectaria com as necessidades do movimento social, na escala estadual.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O projeto está terminado? Não, estamos na última etapa de sua concretização, entretanto, como um resultado produzido de forma participativa ele ainda está sofrendo modificações. A depender dos sujeitos que participam das discussões do projeto sugestões ainda surgem por diversos motivos, ainda que não as acatemos todas. Às vezes as sugestões são de caráter técnico e colocam a questão da viabilidade do projeto quanto a capacidade da estrutura edificada comportar tais ou tais mudanças, às vezes as sugestões de modificação envolvem interesses mais individuais ou mais coletivos. Por exemplo, um espaço que já tinha sido estipulado para as crianças no projeto às vezes era questionado por outros sujeitos, os catadores de papel entre eles, que pediam espaços mais qualificados para suas atividades. De qualquer modo o projeto está, gradualmente, se consolidando e adquirindo uma forma mais definitiva. Trata-se de um resultado técnico, fruto do conhecimento dos profissionais envolvidos em sua consecução, mas também, um resultado político e, por isso, uma construção sempre em processo.

## REFERÊNCIAS

BORDENAVE, Juan E. Díaz. **O que é participação**. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BRASIL. **Manual de metodologias participativas para o desenvolvimento comunitário**. São Paulo: USP, Universidade York, 20--.

CHAUÍ, Marilena. **Cultura e Democracia: o discurso competente e outras falas**. São Paulo: Editora Moderna, 1982.

CLOUX, Rafael. **Movimento dos Sem Teto de Salvador: sua trajetória a partir da oralidade**. Salvador, 20--.

FOUCAULT, Michel. **Ditos e escritos**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001, vol. 3, p. 411-422.





HAESBAERT, Rogério. **O mito da desterritorialização: do "fim dos territórios" à multiterritorialidade.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

HOLSTON, James. Espaços de cidadania insurgente. **Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**, 24, p. 243-253, 1996.

LEFEBVRE, Henri. **O direito à cidade.** São Paulo: Centauro, 2001.

OLIVEIRA, Olivia de; FERNANDES, Ana. Regeneração de Vazios Construídos em Áreas Urbanas Centrais de Salvador. In: II Congresso Internacional de Habitação Coletiva Sustentável, 2016. **Anais...** São Paulo: Fundação Armando Alvares Penteado (FAAP), p. 498-503, 2016.

PORTES, Alejandro. Capital social: origens e aplicações na sociologia contemporânea. **Sociologia, Problemas e Práticas**, Oeiras, n. 33, pp. 133-158, 2000.

SANTOS, Elizabete; PINHO, José Antônio de; MORAES, Luiz Roberto Santos; Fischer, Tânia. **O caminho das águas em Salvador: bacias hidrográficas, bairros e fontes.** Salvador: ciags/ufba, 2010.

SANTOS, Milton. **O espaço dividido: os dois circuitos da economia urbana dos países subdesenvolvidos.** São Paulo: Edusp, 2008.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e Lugar.** São Paulo: Difel, 1983.